

COMPLICAÇÕES DA FAMÍLIA, SOLUÇÕES DA GRAÇA

Estudo 2 – Uma complicada batalha de egos

Um passeio pelo setor de *Autoajuda* em qualquer livraria revela um tema prevalecente: *autoestima*. A grande maioria desses livros (e blogs, programas de TV, terapeutas, revistas, etc.) parece crer que o maior problema da humanidade é que nós não nos amamos o bastante. *Ame-se mais*, eles dizem, *e você será mais feliz*. O que aconteceria se todos seguissem esse conselho? O que ocorreria numa família em que todos os membros amassem a si mesmos acima dos demais? Bem, provavelmente aquilo que já ocorre nas famílias mais complicadas – como a família dos patriarcas, e a nossa.

Você já recebeu a recomendação de amar mais a si mesmo? O que você acha desse conselho tão popular?

Logo depois de sair de sua parentela e rumar para a terra que o Senhor lhe mostraria (Gn 12.1), Abraão resolveu se mudar para o Egito por causa de uma grande fome na terra para onde Deus o havia trazido; e, para piorar, combinou com sua esposa Sarai de manterem seu casamento em segredo por medo de que os egípcios o matassem para ficar com sua esposa (v.10-13). Há uma clara incoerência entre a *fé* demonstrada na saída de Harã e a *falta de fé* demonstrada na saída de Canaã.

Mas o que nos chama a atenção é o egoísmo de Abrão (como ainda era chamado): para não se expor ao risco de morte, ele preferiu expor a própria esposa à condição de parte do harém de faraó – como adúltera ou, pior, como vítima de abuso sexual. E fez isso duas vezes (Gn 12.14-16; 20.2-4)! É verdade que Deus interveio graciosamente, evitando que a situação se consumasse, mas isso não isenta o patriarca de ter sido incrivelmente egoísta (20.6). Seu filho Isaque demonstrou o mesmo senso de autopreservação que não se importa nem com a própria esposa (Gn 26.7). Quem ama demais a si mesmo não consegue amar ao outro.

Apesar de viverem numa cultura patriarcal, onde não tinham muita autonomia, as mulheres daquela família também estavam dispostas a passar por cima de qualquer subalterno para obterem sua realização pessoal como mães (Gn 16.1-3; 30.3,9). Elas trataram suas servas como meros instrumentos de seus desejos, facilmente descartáveis quando não fossem mais úteis (16.6; 21.9,10).

Jacó não se importou em manipular seu irmão Esaú, nem em mentir e ludibriar seu próprio pai Isaque, tudo para conseguir a bênção da primogenitura, que tanto cobiçava (Gn 25.29-33; 27.18,19). Ironicamente, seu sogro também se aproveitaria de sua ingenuidade para conseguir casar as duas filhas de uma só vez, e ainda manter cativo o bom funcionário (29.21-27). Os egoístas costumam ser manipuladores, inclusive na própria família.

Outra forma como esse egoísmo transparece no clã dos patriarcas são as relações de competitividade quase doentia. Assim que deu um filho ao seu senhor, a serva Agar passou a se sentir superior a sua senhora, e parece ter manipulado o próprio filho, Ismael, para lutar por seus direitos de primogênito (Gn 16.4; 21.9).

Aliás, essa família foi caracterizada pela inveja entre irmãos. Desde o ventre materno, Esaú e Jacó tinham uma relação mais de rivalidade que de fraternidade, ao ponto de competirem pela bênção do pai – que pertencia ao primogênito, mas acabou usurpada pelo caçula (Gn 25.22; 27.35-38). O caso mais extremo, sem dúvida, é o de José, mortalmente odiado por seus irmãos mais velhos (Gn

37.18,19). Mas, em ambas as gerações, a rivalidade entre os irmãos foi alimentada pelos pais, que demonstravam suas preferências sem sabedoria alguma, provocando ciúmes e inveja (25.28; 37.3-4).

Egocentrismo, manipulação emocional, competitividade, rivalidade, inveja, ciúmes. O amor a si mesmo pode levar uma família à destruição, pois se colocamos a nós mesmos em primeiro lugar, logo, logo não haverá lugar para mais ninguém. Mas o amor é reconhecido por não buscar os seus próprios interesses, mas sim o que é melhor para os outros (1Co 10.24; 13.5).

A própria criação de filhos requer esse tipo de amor, mas como vimos na família dos patriarcas, há distorções até mesmo no amor de nossos pais – afinal, eles também são tão pecadores quanto nós. Contudo, temos o modelo perfeito em Cristo Jesus, que nos amou de maneira completamente sacrificial, visando exclusivamente o nosso bem (Rm 15.2,3; 2Co 8.9).

Isso, é claro, deve partir do marido (Ef 5.25), estabelecendo a base para o amor servil da esposa e, ambos, o padrão para os filhos amarem seus pais e seus irmãos – e primos, tios, avós, etc., até que também se casem e continuem reproduzindo esse amor pelas suas gerações.

APLICAÇÃO

Como foi o modelo de amor que você recebeu? Havia manipulação e ciúmes? Você sente que um pouco desse egocentrismo ainda está presente nas suas relações familiares?

Como o amor de Cristo pode ajudar sua família a corrigir essas distorções egoístas do amor?

Pr. Alceu Lourenço